



A RELEVÂNCIA DO CONTROLE DE INFECÇÃO NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Maria Luiza Pereira de Araújo^{1*}; Isaac Wilson Pereira de Almeida ²; Jennifer Raíza de Araújo Silva ²; Rennaly de Freitas Lima ³

1 – Acadêmico do Curso de Fisioterapia, Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande – FCM-CG

2- Acadêmico do Curso de Odontologia, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus I

3 – Professora da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande – FCM-CG

**E-mail: maluizaraujo18@gmail.com*

Resumo: As relações estritas entre microrganismos e seres humanos são de conhecimento da comunidade científica. Observa-se um histórico marcado pelo crescente número de casos de infecções relacionadas a assistência à saúde, motivando a utilização de técnicas de biossegurança que visam a prevenção dos problemas em questão. Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo evidenciar a importância das técnicas de biossegurança na prática assistencialista à saúde, tratando-se de uma revisão bibliográfica acerca do referido tema. Para tanto, foi realizado um levantamento de publicações indexadas na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e na Plataforma CAPES. Considerada um problema de saúde pública, as Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), estão diretamente relacionadas a unidades de atendimento à saúde específicas, como os hospitais, justificada pela criticidade do ambiente, sendo uma das principais causas de aumento no tempo de internações. No entanto, não se limitam a tal ambiente, visto que na prática de saúde a utilização de dispositivos e instrumentos oportunizam a transmissão de diversas espécies de microrganismos, como sugerido na literatura. Diante disso, observa-se o crescente interesse da comunidade científica pelo reconhecimento da importância de práticas de controle e prevenção de IRAS, em razão da relevância do problema e o impacto na sociedade. Sugere-se ainda a necessidade da implementação e manutenção das condutas de biossegurança na rotina profissional, sendo fundamental a educação contínua em saúde, direcionada a acadêmicos e profissionais, tendo em vista que tais práticas repercutem na assistência prestada à comunidade, contribuindo para reduzir taxas de infecções nos diversos níveis de assistência.

Palavras-chave: Controle de infecções, exposição a agentes biológicos, assistência à saúde.



Introdução

As relações estritas entre microrganismos e seres humanos são de conhecimento da comunidade científica, resultando na formação de microbiotas, existindo microrganismos colonizando diversas floras em diferentes sítios anatômicos e seu importante papel na dinâmica saúde-doença (GONÇALVES, 2013). As microbiotas normais, de natureza comensal, se mostram úteis para o bom funcionamento do nosso organismo, regulando processos de nutrição e desenvolvimento de respostas imunes, diferenciando-se das espécies oportunistas, com suscetibilidade direta na instalação de doenças, as quais estão diretamente relacionadas a riscos iminentes na rotina da comunidade e principalmente dos profissionais da saúde (GONÇALVES, 2013; ALVES et al., 2010).

Os riscos ocupacionais são todas as situações de trabalho que podem romper o equilíbrio físico, mental e social das pessoas, e não somente as situações que originem acidentes e enfermidades (CORREA, 2016). Ao se tratar de profissionais da saúde, a exposição à heterogeneidade de condições de saúde e ambientes é constante, como o ambiente hospitalar, um local tipicamente insalubre na medida em que riscos físicos, químicos, mecânicos e biológicos, são inerentes ao desenvolvimento de suas atividades, comum ainda a outras unidades de atendimento à saúde (RIBEIRO, 2010).

O histórico marcado pelo crescente número de casos de infecções relacionadas à assistência à saúde tem sido comprovado por diversos estudos (OLIVEIRA et al., 2010; SOUSA et al., 2016; ARANTES et al., 2013) acerca da aquisição de resistência bacteriana, seja pela inativação enzimática, alteração do local de ação do fármaco ou transferência de genes resistentes entre as bactérias, frente ao uso de antimicrobianos em diversas espécies de microrganismos, confirmando o desafio da utilização de terapêuticas eficientes, encorajando assim a adesão de técnicas de biossegurança que visam a prevenção dos problemas em questão (SOUSA et al., 2016).

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância das técnicas de biossegurança na prática assistencialista à saúde.

Metodologia

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, com levantamento de dados acerca da proposta de discussão, bem como, busca de



publicações indexados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e ainda na Plataforma CAPES. Foram selecionados artigos publicados entre 2010 a 2016, tendo como critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos, trabalhos publicados em português e disponível em texto completo. Para a realização da análise e discussão dos dados, após a leitura dos artigos, levou-se em consideração o ano de publicação, e a ideia central a respeito do controle de infecção nas assistências à saúde.

Resultados e Discussão

Considerada um problema de saúde pública, as Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), estão diretamente relacionada à unidades de atendimento à saúde específicas, como os hospitais, justificada pela criticidade do ambiente (ANVISA, 2013). No entanto, não se limita a tal ambiente, visto que na prática de saúde a utilização de dispositivos e instrumentos oportunizam a transmissão de diversas espécies de microrganismos, como sugerido na literatura.

Através de análises microbiológicas de jalecos de profissionais e acadêmicos de saúde, os quais estavam inseridos em cenário semi-crítico, em Unidades Básicas de Saúde (UBS), bem como hospitais, clínicas de Odontologia e de Fisioterapia, foi constatado a presença predominante de espécies do gênero *Streptococcus spp* e *Staphylococcus spp*. Observado ainda negligência quanto ao uso, armazenamento e frequência de lavagem dos jalecos, predominando o armazenamento em mochilas e banco de veículos, poucas lavagens e as mesmas, em conjunto com outras roupas (NEVES, 2016; SCHEIDT, 2013). Os jalecos são considerados como veículos de patógenos, os quais tendem a potencializar os riscos de infecção na rotina assistencialista, uma vez que o contato direto com pacientes e superfícies inanimadas favorece a transmissão, sendo a mesma, uma possibilidade de propagação até mesmo para ambientes sem atendimento à saúde, junto a comunidade.

Pesquisas de culturas de 60 macas de um ambulatório de fisioterapia encontrou, em 34 delas, a colonização de diferentes microorganismos, tais como *Penicillium spp*, *Aspergillus fumigatus* e *Aspergillus niger* (COELHO et al., 2016). Considera-se a limpeza de ambulatórios e hospitais, quando realizada de forma correta, a melhor opção para controle de contaminantes com relação direta entre maior frequência e menores.



O controle de infecção, diante dos riscos ocupacionais, fundamentadas pelo conjunto de condutas de biossegurança que incluem higienização das mãos, uso de equipamentos de proteção individual e antissepsia prévia, garantem a segurança na prática da assistência à saúde, contribuindo para a qualidade da assistência prestada, defendida na literatura em diversos estudos. A exemplo do estudo de Urquiza et al., (2016) que mostrou a eficácia equivalente de diferentes técnicas de antissepsia pré-operatória das mãos (fricção com escova descartável, fricção com esponja e fricção sem artefato) associados a diferentes substâncias (clorexidina e antisséptico a base de iodo), na redução do número de microrganismos. Fucci et al., (2013) buscaram qualificar o processo de desinfecção de superfícies inanimadas em Unidades Básicas de Saúde – UBS, por meio de análises microbiológicas, identificando a presença de *Staphylococcus aureus* e *Escherichia coli* mesmo após o processo.

A respeito do conhecimento e adesão por acadêmicos e profissionais sobre medidas de biossegurança, foi observado por Santos, et al., (2014) a adoção insuficiente de condutas, uma vez que, apenas 4% dos entrevistados realizava higienização das mãos antes do atendimento, além da baixa frequência da desinfecção em instrumentos utilizados. Mostrando a necessidade de treinamentos e sensibilização, Silva, (2015) indica resultados positivos na aquisição de conhecimento imediatamente de 62 graduandos de diferentes cursos da área de saúde em sua pesquisa, através da utilização de situações simuladas como uma ferramenta de aprendizagem voltada para a prevenção e controle de infecções. Estas se caracterizam como atividades responsáveis pela modificação da atual percepção da relevância da biossegurança, marcadas pelo comodismo na prática e desvalorização de condutas.

Conclusão

Observa-se crescente interesse da comunidade científica pelo controle e prevenção de IRAS, considerando a relevância da temática e o impacto na sociedade, sugere-se a necessidade da implementação e manutenção das condutas de biossegurança na rotina profissional, sendo fundamental a educação contínua em saúde, direcionada a acadêmicos e profissionais. Tais práticas repercutem na assistência prestada à comunidade, contribuindo para reduzir taxas de infecções nos diversos níveis de assistência.

Referências

ALVES, A. P. et al. Análise Asséptica Em Ambientes De Uso Comum No Campus Da Universidade Castelo Branco, Realengo. **Revista**



Eletrônica Novo Enfoque, v. 11, n. 11, p. 21-16. 2010. Disponível em: < <http://www.castelobranco.br/sistema/novoenfoque/files/11/artigos/03.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

ANVISA. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Critérios Diagnósticos de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde. Brasília: Anvisa**, 2013. [Série Segurança do Paciente e Qualidade dos Serviços de Saúde].

ARANTES, T. et al. Avaliação da colonização e perfil de resistência de *Staphylococcus aureus* em amostras de secreção nasal de profissionais de enfermagem. **Rev. Bras. Farm.** São Paulo, v. 94, n.1, p. 30-34. Fev. 2013.

COELHO, S. A. et al. **Elementos fúngicos isolados de macas do ambulatório de fisioterapia da clínica-escola do centro universitário UNIABEU**. II Seminário Científico da FACIG – 17 e 18 de Novembro de 2016, p.1-4.

CORREA, R. A. et al. Riscos ocupacionais enfrentados pelo trabalhador de enfermagem no setor de hemodiálise. **Rev. Pesq. Cuid. Fundam. (Online)**. Rio de Janeiro, v.4, n. 4, p.2755-2764, out./dez. 2012. Disponível em: < <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/index>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

FUCCI, A. P. B. et al. Avaliação da Qualidade do Processo de Desinfecção em Superfícies Inanimadas de Unidades Básicas de Saúde por Pesquisa de Biomarcadores. **Revista Uniara**. Votuporanga, v.16, n.1, p.183-190, julho 2013.

GONÇALVES, Paulo Miguel Mafra. **Os microrganismos no 1.º e 2.º ciclos do ensino básico: abordagem curricular, concepções alternativas e propostas de atividades experimentais**. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) - Universidade do Minho, Portugal, 2013. Disponível em: < <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24475>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

NEVES, J. D. B. Análise Bacteriológica de Jalecos De Profissionais da Saúde de uma Clínica Escola Na Cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. **Revista Interf.** Juazeiro do Norte, v. 3, n. 9, p. 50-54, abril 2016.

OLIVEIRA, A. C. et al. Infecção hospitalar em unidade de tratamento intensivo de um hospital universitário brasileiro. **Rev. Latino-Am. Enfer.** Ribeirão Preto, v.18, n.2, mar./Abr. 2010.



RIBEIRO, A. E. C. S. et al. Identificação dos riscos institucionais em profissionais de enfermagem. **Rev. Eletr. de Enferm. do Centro de Estud. de Enferm. e Nutri.** Goiânia, v.1, n.1, p. 1-16, jan./jul. 2010. Disponível em: < <https://www.ceen.com.br/revista-digital/ceen-goiania-go-brasil-revista-eletronica-de-enfermagem-e-nutricao-issn-1982-2677-sumario-vol-01-num-01-2007>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

SANTOS, J. N. et al. Conduas de biossegurança em ambulatório de fonoaudiologia da rede SUS. **Distúrb Comum.** São Paulo, v.26, n.1, p. 42-49, março, 2014.

SCHEIDT, K. L. S. Práticas de Utilização e Perfil de Contaminação Microbiológica de Jalecos em Escola Médica. **Medicina (Ribeirão Preto. Online).** São Paulo, v.48, n.5, p. 467-77. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/112595>. Acesso em: 27 abr. 2017.

SILVA, A. R. A. Uso de Simuladores para Treinamento de Prevenção de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde. **Rev. Bras. Educ. Méd.** Niterói, v.39, n.1, p. 5-11, Jan./Mar. 2015.

SOUSA, D. M. et al. Infecção por Staphylococcus Aureus em Unidades de Terapia Intensiva: Revisão Integrativa. **Rev. Enferm. UFPE on line.** Recife - PE, v.10, n.4, p.1315-23, abr., 2016. Disponível em: < <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewArticle/7678>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

URQUIZA, M. C. et al. Comparação da eficácia e efeito residual de duas técnicas de antisepsia pré-operatória das mãos com duas substâncias antissépticas. **R. Interd.** v. 9, n. 3, p. 112-120, jul./ago./set. 2016.